

“NÃO VAI TER COPA” E “VEM PRA RUA”: UMA ANÁLISE DOS ENUNCIADOS E SEUS POSSÍVEIS ESTATUTOS DE FÓRMULA

Raquel Macedo
Mestrado/UFF

Orientadora: Patrícia Ferreira Neves Ribeiro

O presente trabalho se inscreve dentro da Análise Semiociológica do Discurso, criada por Patrick Charaudeau em 1983, uma teoria empírico-dedutiva que pretende construir o sentido através de uma relação forma-sentido levando em conta os comportamentos linguageiros em função de um sujeito intencional, que visa uma influência social e que está inserido em uma situação de troca. Nesta perspectiva, analisaremos o nosso corpus levando em conta a construção psico-socio-lingueira de sentido, a qual se realiza através da intervenção de um sujeito que também é psico-socio-lingueiro. Ou seja, será fundamental levar em conta os sujeitos, a dimensão psicossocial e as condições de produção e intenções envolvidas na enunciação de tais sintagmas.

Após longos anos sem grandes manifestações populares, o Brasil se viu em meio a protestos e atos durante o período compreendido entre junho e julho de 2013. Desde as manifestações pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, as manifestações de junho e julho de 2013 são as mais significativas mobilizações populares brasileiras.

Os protestos ocorridos no Brasil em 2013, inicialmente, eram motivados contra o aumento das passagens do transporte público decretadas na época e mobilizavam poucos milhares de participantes. Em meados de junho do mesmo ano ganharam grande apoio popular, principalmente após a forte repressão policial contra os manifestantes. Devido à grande proporção e notoriedade que as manifestações ganharam nas mídias nacionais e internacionais, cada vez mais pessoas aderiram ao movimento e se reuniram nas ruas para protestar. Até mesmo protestos em solidariedade às manifestações brasileiras foram marcados em Portugal, França, Alemanha, Irlanda e Canadá durante o mês de junho.

Durante o período compreendido entre 17 e 21 de junho temos o ápice das manifestações populares, quando diversos atos e protestos são organizados e mobilizam uma grande parcela do povo brasileiro. No dia 20 de junho, as manifestações ganharam um novo caráter. Os manifestantes passaram a reivindicar outras pautas além da questão dos transportes públicos, como a “cura gay”, o “ato médico”, os gastos com a Copa das Confederações FIFA 2013 e a Copa do Mundo FIFA 2014, o fim da corrupção. Nesse dia foi registrado um pico de mais de 1,4 milhões¹ de pessoas nas ruas em mais de 120 cidades pelo Brasil, mesmo após a redução dos valores das tarifas dos transportes, conforme noticiou a imprensa brasileira na época.

No Rio de Janeiro mais de 1 milhão de pessoas ocupou importantes vias da capital fluminense, como a Avenida Rio Branco. Em Brasília, manifestantes ocuparam a Esplanada dos Ministérios e centenas de pessoas subiram na rampa e no teto do Congresso Nacional. O governo brasileiro, por sua vez, procurou anunciar diversas medidas para tentar controlar as manifestações e atender às reivindicações dos manifestantes. O Congresso Nacional votou uma série de concessões, inclusive revogou o aumento das tarifas nos transportes públicos, temporariamente, em várias cidades do país.

Seguindo a tendência de manifestações populares que ocorreram em todo o mundo, como Occupy Wall Street, em 2011 nos EUA, e a Primavera Árabe, entre 2010 e 2011 no mundo árabe, as manifestações populares brasileiras também usaram a Internet como importante ferramenta na organização, divulgação de notícias extra-oficiais e convocação para os atos e protestos. As manifestações no Brasil tomaram grandes proporções através das redes sociais “Facebook” e “Twitter”.

Ao olharmos para a história brasileira, conseguimos fazer uma retrospectiva que nos leva às manifestações populares que ocorreram nas ruas do Brasil mobilizando uma grande parte da nação. O impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, e a campanha pelas “Diretas já”, principalmente no ano de 1983, são exemplos de mobilizações do povo brasileiro que marcaram a história do país.

Em 1992, grandes manifestações ocorreram nas ruas do Brasil pedindo a renúncia do então presidente da República Fernando Collor de Mello, frente às frequentes denúncias de corrupção em seu governo. A juventude brasileira, conhecida como os “Caras Pintadas” justamente por pintarem os rostos com faixas nas cores da bandeira do Brasil, saiu às ruas para pedir a saída do presidente do poder. Após tamanha

pressão popular, Fernando Collor pediu renúncia do cargo, deixando em seu lugar o vice-presidente Itamar Franco.

O movimento “Diretas Já” de 1983, por sua vez, reivindicava a aprovação da lei que permitia a eleição direta para Presidente da República. O país, na época, ainda vivia os últimos anos da ditadura militar, o que não impediu que o povo saísse às ruas para lutar pela democracia.

Os movimentos pelo impeachment do presidente Fernando Collor e o “Diretas já” são importantes para a história do Brasil, pois marcam a história da luta de um povo que quer construir uma nação melhor. O que diferencia os movimentos mencionados anteriormente das manifestações de junho e julho de 2013 é que, além de ocorrerem em épocas e contextos sociais diferentes, eles foram mais pontuais e centrados em um objetivo, a renúncia do então presidente e as eleições diretas para presidente, respectivamente.

As manifestações de junho e julho de 2013 no Brasil foram marcadas mais pela saída de uma constante passividade da nação brasileira frente aos problemas políticos e sociais, e a capacidade de mobilização da população mais jovem, do que por suas reivindicações e resultados.

No período compreendido entre junho de 2013 e janeiro de 2014, foi possível observar a constante circulação de certos enunciados ligados aos protestos como “Vem Pra Rua”, “Não Vai Ter Copa”, “Vem Pra Urna” e “Vai Ter Copa”. Tais enunciados circularam em diversos meios midiáticos e suportes textuais.

Neste trabalho, analisaremos discursivamente os enunciados e seus possíveis estatutos de fórmula discursiva, nos termos de Alice Krieg-Planqueⁱⁱ (2010). Mais especificamente, observamos o uso desses enunciados em cartazes das manifestações de junho de 2013 a Janeiro de 2014, em textos veiculados na Internet, em redes sociais, em revistas como “Veja” e jornais como “Folha de S. Paulo”. O recorte temporal será o período compreendido entre junho de 2013 e janeiro de 2014.

As fórmulas discursivas, segundo Alice Krieg-Planque (2010), são enunciados curtos que circulam na sociedade, são potencialmente destacáveis, polêmicos, discursivos e que são tomados como um referente social. A fórmula é um enunciado que precisa ser facilmente retomado, reconhecido e utilizado pelos seres da comunidade em que circula, trazendo consigo questões do mundo social. As fórmulas podem circular tanto no interior de uma comunidade restrita, quanto mais amplamente quando são

conhecidas por um grande número de pessoas espalhadas em várias partes da sociedade. Nesse sentido, ao referir-se a algo, a fórmula remete também ao mundo. Portanto, o estudo das fórmulas discursivas nos termos de Alice Krieg-Planque nos permite organizar e analisar os enunciados “Vem Pra Rua” e “Não Vai Ter Copa”.

Algumas propriedades específicas são importantes na caracterização de um enunciado como fórmula. Segundo a teoria de Alice Krieg-Planque (2010: 61), em geral, o enunciado precisa ter um caráter cristalizado, se inscrever em uma dimensão discursiva, funcionar como um referente social e ter um aspecto polêmico para ser considerado uma fórmula discursiva. Apesar de serem importantes na caracterização da fórmula, nem todas as quatro propriedades estão concomitantemente presentes em todas as fórmulas, o que não as descaracteriza como tal.

O caráter cristalizado da fórmula diz respeito ao significante do enunciado, sua forma, que deverá ser relativamente estável. Ou seja, uma das características das fórmulas é possuir uma sequência verbal estável e repetida. Há pelo menos dois modos de cristalização das fórmulas, um de ordem estrutural (ou formal) e outro de ordem memorial. O modo de cristalização estrutural diz respeito a uma análise das expressões cristalizadas dentro de um sistema da língua e nas categorias da gramática. O modo de cristalização de ordem memorial diz respeito ao conjunto de enunciados que circulam “em bloco” em um momento da história e que são percebidos como formando um todo cuja origem pode ou não ser recuperada, lembrada, conforme aponta Alice Krieg-Planque (2010).

Para que um enunciado seja reconhecido como fórmula, ele precisa também se inscrever em uma dimensão discursiva, pois é também uma noção discursiva. A fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula. O caráter discursivo se liga a outras duas importantes características da fórmula, seu caráter de referente social e polêmico, propriedades interdependentes.

No que diz respeito ao caráter de referente social, para que um enunciado seja considerado uma fórmula ele deverá evocar alguma coisa para todos em um momento da história específico. Ou seja, o caráter de referente social da fórmula traduz seu aspecto dominante, num dado momento e num dado espaço sociopolítico. E para esse signo evocar alguma coisa para todos, é necessário que ele seja conhecido por todos. A “notoriedade” do signo, como lembra Alice Krieg-Planque, é uma condição necessária para a existência do enunciado como fórmula. O aumento da frequência de uso de um

enunciado, observado ao longo do tempo em um corpus estável, é um índice de sua notoriedade.

Ou seja, dizer que a fórmula é um enunciado conhecido por todos é dizer que esse enunciado aparece em diversos tipos de discurso orais ou escritos. De acordo com Dominique Maingueneau (2011), se a fórmula é originária de uma formação discursiva, deve ir além dela. Também o fato de a fórmula ser uma “passagem obrigatória”, a torna um referente social justamente porque evoca algo para todos em um momento específico - “Num dado momento, todo mundo é obrigado a se situar em relação a essas fórmulas, fazê-las circular de uma maneira ou de outra, lutando para impor sua própria interpretação”.

Outra propriedade importante e necessária ao enunciado para que este seja considerado uma fórmula é seu aspecto polêmico. A polêmica se instaura justamente porque a fórmula é portadora de questões políticas, sociais, porque há um território partilhado pelos membros de uma sociedade. Podemos perceber que a fórmula põe em jogo algo relevante e conflituoso para a sociedade, como as decisões políticas da qual os indivíduos dependem, seus direitos e deveres. As fórmulas participam da história e esse peso recai nos destinos de cada indivíduo da sociedade. É porque lidam com a existência dos indivíduos, sua organização em sociedade, porque constitui um problema, um referente social em um espaço público dado que as fórmulas são polêmicas e fazem parte da história.

A fórmula existe também através de seus enunciados derivados, dos quais ela é a cristalização. Porém, conforme Alice Krieg-Planque (2010), se a fórmula existe através de seus enunciados derivados, ela não existe fora de uma sequência cristalizada que as condensa. O seu estatuto formulaico é reforçado e confirmado pelo simples fato de uma fórmula possuir enunciados derivados, visto que se é possível criar fórmulas derivadas de uma fórmula original é porque esta última está bem cristalizada e poderá ser reconhecida através de seu enunciado derivado.

Como revela Sírio Possenti, em ensaio à revista “Língua Portuguesa” de julho de 2013, cada palavra dos manifestantes, cada enunciado só tinha razão de ser como réplica a um contexto definido de antemão, e por isso, quase sempre os manifestantes se valeram da sátira e da paródia para referenciar aquilo a que respondiam.

O enunciado “Vem Pra Rua” teve sua gênese em um jingle criado pela marca de automóveis FIAT, patrocinadora da Copa Das Confederações FIFA de 2013 no Brasil.

O refrão "Vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil" saiu da campanha publicitária da marca de carros para figurar no discurso e em cartazes dos protestos que reuniram milhares de pessoas pelo Brasil entre junho e julho de 2013. Versos do jingle foram cantados por manifestantes nas ruas em vários atos organizados pela internet e o enunciado "vem pra rua" foi amplamente reproduzido nas redes sociais.

Ao ser enunciado pela primeira vez, pela marca de automóveis FIAT, o "Vem Pra Rua" tem o propósito de convocar o povo brasileiro a ir às ruas celebrar o futebol e a Copa das Confederações 2013. Quando é (re) enunciado pelo povo brasileiro nas manifestações e protestos no período de junho e julho de 2013, o enunciado tem o mesmo propósito de convocar as pessoas a ir para as ruas, porém, para protestar contra o aumento das passagens no transporte público e a corrupção do governo vigente.

A princípio, o enunciado era apenas um trecho e o título de um jingle que convocava as pessoas a celebrar o futebol e a fazer festa na rua durante a Copa das Confederações. Ou seja, era apenas um enunciado simples, sem grande potencial de destacabilidade. Quando essa sequência foi resignificada pelos manifestantes, se tornou lema da luta contra o aumento das passagens de ônibus e contra a corrupção, numa espécie de convocação para que cada vez mais pessoas viessem a protestar, a sair da inércia e passividade atribuídas ao povo brasileiro.

Para Alice Krieg-Planque, a cristalização de um enunciado se dá através da materialidade significante que o constitui e o faz circular sob a mesma forma em um determinado período. No que diz respeito ao enunciado "Vem Pra Rua", é possível perceber que seus usos, em cartazes de manifestações e como título de matérias jornalísticas, são sempre caracterizados pela mesma materialidade significante e praticamente não há alteração no sintagma. Nos textos analisados, o enunciado aparece na mesma forma significante do seu primeiro uso, verbo + advérbio de lugar.

Os usos do enunciado nos mostram que a materialidade significante se mantém nos diversos meios e textos como prova de sua cristalização já iniciada desde os primeiros usos. Ao ser reconhecido e reproduzido pelo povo brasileiro em grande escala, o enunciado revelou ser um forma cristalizada, especialmente em meados de junho de 2013.

O próprio diretor de marketing da empresa FIAT se pronunciou sobre o uso do jingle nas manifestações, revelando ainda mais a apropriação desse enunciado pelo

povo. Ele chegou a afirmar que a música, e portanto o trecho “Vem Pra Rua”, não era mais da FIAT, e sim do povo brasileiro.

Segundo Alice Krieg-Planque (2010), a fórmula é uma noção discursiva. Sendo assim, ela não existe sem os usos que a envolvem. Em “Vem Pra Rua”, por exemplo, os discursos produzidos pelos enunciadores acerca desse tema são revelados através do enunciado. Ou seja, os enunciadores quando discorrem sobre as manifestações de junho e julho de 2013 também o fazem através desse enunciado. É importante lembrar porém, que quando os enunciadores utilizam o “Vem Pra Rua”, eles o fazem de pontos de vista diferentes levantando diversas questões sobre as manifestações.

Mesmo que o enunciado “Vem Pra Rua” convoque as pessoas a se manifestar e a protestar, ele não é claro o suficiente que prontamente revele as reivindicações dos protestos. O enunciado revela então um teor genérico, que reflete o posicionamento da população da época. Uma parcela das pessoas que nas ruas protestavam, contestavam o aumento das passagens no transporte público e a corrupção. Outra parcela, para além dessas reivindicações, lutava por melhorias na saúde, na educação e era contra a “cura gay”, por exemplo. Ou seja, um conjunto de reivindicações circulavam no período em torno do enunciado, mas nem todos os participantes das manifestações necessariamente concordavam com todas as reivindicações.

Em ensaio à revista “Língua Portuguesa” de agosto de 2013, Sírio Possenti afirma que os protestos começaram a perder força após as primeiras manifestações de junho quando a população brasileira perdeu o foco de reivindicações concretas, como a redução nas tarifas dos transportes públicos, e passou a simplesmente expressar o descontentamento com a política em geral. Os manifestantes se percebiam cada vez mais heterogêneos e reivindicavam o fim da corrupção, a renúncia da presidente, entre outras reivindicações “etéreas”.

São esses diferentes sentidos e posicionamentos que fazem com que o enunciado se inscreva na dimensão discursiva. Sendo assim, o enunciado passa a funcionar como um referente social, nos remetendo aos acontecimentos da época em questão.

Segundo Alice Krieg-Planque (2010: 9), “a fórmula, como referente social, é um signo que evoca alguma coisa para todos ao mesmo tempo. Ela é conhecida por designar alguma coisa. A fórmula refere: ela reenvia ao mundo”. Ou seja, um enunciado para se tornar uma fórmula precisa designar algo sobre o mundo social para as pessoas que naquela sociedade vivem, precisa fazer com que se posicionem sobre ele. O

enunciado “Vem Pra Rua”, nos remete às manifestações de junho e julho de 2014, às reivindicações, mesmo que “etéreas”, e ao contexto social e político da época.

Junto à enunciação do “Vem Pra Rua” um referente social é mobilizado e faz com que aqueles que reconhecem tal enunciado logo o identifique com a situação social da época que ele retoma. Como enunciado do povo o “Vem Pra Rua” também ajuda a reuni-los e a ganhar força nos protestos contra o governo, embora cada parcela da população tenha suas reivindicações.

Ao fazer com que as pessoas se pronunciem a respeito do enunciado, se posicionem e não ignorem o que ele mobiliza, o “Vem Pra Rua” é polêmico. Conforme Alice Krieg-Planque:

(...) a fórmula põe em jogo modos de vida, recursos materiais, a natureza e as decisões de um regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros (Krieg-Planque, 2010: 100)

Ou seja, a sociedade é formada por diversos tipos de indivíduos, é heterogênea, e por mais que a população tenha se mobilizado a ir às ruas protestar contra o governo, contra o aumento das passagens e contra a corrupção, o enunciado revela uma subjetividade, e por isso já é polêmica. O que motiva as pessoas a irem para as ruas é o desejo de mudança no seio da sociedade, e não exatamente as mesmas reivindicações. Além disso, o enunciado por si só já é polêmico ao se referir e criticar um passado recente de inércia e de passividade da geração atual, que percebe os problemas sociais, mas não luta por melhorias.

O enunciado “Vem Pra Rua” remete à política e ao governo que rege o Brasil, na época, e aos indivíduos que ali vivem e se organizam. Portanto, não é só o ato de protestar que está em jogo, e sim as subjetividades dos indivíduos, através de suas diferentes reivindicações que aparecem no seio das manifestações.

Já o enunciado “Não Vai Ter Copa” teve seu uso mais recorrente no início de 2014 quando o movimento *Anonymous Brasil*, supostamenteⁱⁱⁱ, convocou o povo brasileiro a se organizar em atos e protestos contra os gastos excessivos para a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil. Os protestos foram organizados principalmente contra os gastos de dinheiro público em investimentos privados, como a

construção de estádios, para que a copa ocorresse no Brasil, enquanto tantos outros setores da sociedade como a educação e a saúde não receberam investimentos e a devida atenção. Fato é que o enunciado “Não vai ter copa” ganhou notoriedade, nomeou atos e a hashtag “#naovaitercopa” foi amplamente utilizada por aqueles que apoiavam a causa.

O primeiro uso do enunciado “Não Vai Ter Copa” se deu em novembro de 2013 durante as manifestações iniciadas em junho de 2013. O uso mais constante do enunciado se deu a partir de janeiro de 2014, quando o período da Copa do Mundo FIFA 2014 se aproximava.

A materialidade significativa do enunciado “Não Vai Ter Copa” se mantém ao longo do período compreendido entre novembro de 2013 e janeiro de 2014, não havendo grandes variações no sintagma composto por adjunto adverbial + locução verbal + substantivo desde o primeiro uso, que chega até a se consagrar como nome de atos e protestos.

O enunciado passa a circular na mídia, em títulos de jornais como “*Folha de São Paulo*” e “*BBC Brasil*”, em revistas como “*Veja*”, em cartazes nas manifestações pelo Brasil, e nas redes sociais na Internet seguindo a mesma materialidade significativa do seu primeiro uso. Quanto mais se observa a utilização e reprodução de tal enunciado em um certo período e conforme ele vai apontando para certos imaginários sociodiscursivos, mais o enunciado ganha estabilidade e se cristaliza.

Visto que a fórmula é uma noção discursiva e não linguística, após o enunciado se estabilizar em uma forma cristalizada, ele passa a representar e a levantar discursos centrados em seu uso. São os discursos produzidos pelos enunciadores em certo período relacionados ao enunciado que conferem seu caráter discursivo.

Quando o povo brasileiro invoca e produz o enunciado “Não Vai Ter Copa”, mesmo que a partir de diferentes pontos de vista, ele remete ao contexto das manifestações de novembro de 2013 a janeiro de 2014, e o enunciado se inscreve em uma dimensão discursiva. Ou seja, ao protestar contra os altos gastos envolvidos na preparação para a Copa Do Mundo FIFA 2014, os diversos enunciadores de “Não Vai Ter Copa” tem diversas percepções do enunciado e protestam motivados por discursos e reivindicações diferentes, mas estão escritos em uma mesma dimensão discursiva.

Para os primeiros enunciadores de “Não Vai Ter Copa”, provavelmente o movimento Anonymous Brasil, o enunciado traria consigo a ideia de anarquia e boicote à Copa. Para outros enunciadores, o enunciado mobilizaria apenas um discurso de

indignação frente aos gastos públicos em setores privados. Ou seja, o enunciado “Não Vai Ter Copa” mobiliza discursos diversos sobre o mesmo tema, os altos gastos com a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil.

A fórmula ao se cristalizar e se inscrever em uma dimensão discursiva, revela discursos e significações até mesmo contraditórios. Muitos sentidos são construídos para o referente social “Não Vai Ter Copa” e o enunciado mobiliza posicionamentos discursivos diferentes.

Ao remeter ao social, o enunciado mobiliza de um lado os que acreditam que protestar contra a Copa é usar de violência, depredar prédios públicos. De outro lado, os que reivindicam de forma pacífica o mesmo cuidado e investimento da Copa nos setores de saúde e educação. Ou seja, o enunciado é tão recorrente e mobiliza o contexto social da época que faz com que as pessoas se pronunciem a respeito dele, de maneira negativa ou positiva, fazendo do enunciado uma passagem obrigatória. Esse enunciado invocará algo para todos em um determinado momento, e com isso, será capaz de reenviar ao mundo.

Ao se cristalizar, circular pela sociedade em determinado período, se inscrever em uma dimensão discursiva funcionando como referente social, o enunciado levanta polêmicas. Quando o povo brasileiro se manifesta e diz algo sobre o enunciado, mobiliza também os imaginários sociodiscursivos pertinentes ao contexto de sua produção. Por serem tomados de diferentes posicionamentos, os enunciados levantam polêmica.

O enunciado “Não Vai Ter Copa” tomado por diferentes sujeitos levanta diferentes posicionamentos frente ao assunto das manifestações. Não é simplesmente o ato de protestar contra a Copa Do Mundo FIFA 2014 que está em jogo, mas também as formas de entender os protestos, as maneiras de protestar (se pacíficas ou violentas), as reivindicações em jogo. Sendo assim, a polêmica é instaurada porque o enunciado além de envolver a subjetividade dos indivíduos (que por si só são heterogêneos), remete a acontecimentos históricos e sociais, e mobiliza posicionamentos discursivos diferentes.

A fórmula existe também através de múltiplos enunciados derivados do qual ela é a cristalização. Entretanto, é preciso frisar que, se a fórmula existe também através de seus enunciados derivados, ela não existe fora de uma sequência cristalizada que as condensa. Os enunciados analisados no presente trabalho são produtivos no que diz respeito aos enunciados derivados. A capacidade de gerar enunciados derivados é um

dos fatores, além das quatro propriedades propostas por Alice Krieg-Planque listadas anteriormente, que confirmam o estatuto de fórmula de “Vem Pra Rua” e “Não Vai Ter Copa”. Os enunciados derivados revelam que “Vem Pra Rua” e “Não Vai Ter Copa” são tão cristalizados e reconhecidos que são capazes de serem compreendidos mesmo que sofram alterações em seu significante.

O enunciado “Vem Pra Rua” embora não seja muito produtivo em termos de enunciado derivado, gerou o “Vem Pra Urna” em campanha lançada pelo TSE em 2013 como resposta ao período de manifestações no Brasil. Com a hashtag “Vem Pra Urna” e o mote “Seu voto vale o Brasil inteiro”, a página oficial do TSE na rede social “Facebook” procurou se aproximar dos eleitores brasileiros, especialmente os jovens, a fim de conscientizá-los de que votar é um exercício de cidadania, e de que é por meio do voto que os brasileiros podem se fazer ouvir, e não organizando manifestações nas ruas.

O governo brasileiro se apoderando do enunciado “Vem Pra Rua”, amplamente utilizado pelo povo, criou o enunciado derivado “Vem Pra Urna” como uma resposta que ao mesmo tempo retoma o que sua fórmula de origem representa e levanta novas questões. O enunciado derivado prontamente nos remete ao enunciado “Vem Pra Rua”, porém passa a representar a voz do outro extremo no contexto das manifestações, a voz do poder público. Isso como forma também de se aproximar dos manifestantes e não ignorar os acontecimentos recentes. Ao alegar que a melhor maneira de mudar tais situações de corrupção e altas tarifas nos transportes públicos seria nas urnas de eleição e não na rua, o governo procurou através de campanhas publicitárias, cartilhas do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), propagandas e cartazes publicitários reforçar o enunciado “Vem Pra Urna” de modo a frear as manifestações e a conscientizar o povo.

Enquanto o enunciado “Vem Pra Rua” mobiliza uma grande parte da nação a lutar pelos seus direitos, marca um período polêmico de luta por um país melhor, o enunciado derivado “Vem Pra Urna” tenta, sem sucesso, chegar à tamanha adesão de sua fórmula originária.

Além do enunciado derivado “Vem Pra Urna” lançada pelo TSE revelar um interesse político em retomar positivamente a fórmula “Vem Pra Rua”, o meio de comunicação escolhido para a divulgação desse enunciado derivado também confirma o intuito da campanha. O TSE se vale das mesmas ferramentas que os movimentos

populares no ano de 2013, as redes sociais para se aproximar daqueles que foram às ruas protestar.

Já o enunciado “Não Vai Ter Copa” foi muito produtivo no período das manifestações e gerou inúmeros enunciados derivados como “Vai Ter Copa”, “Não Vai Ter Coca”, “Não Vai Ter Liberdade”, “Não Vai Ter Cola” e “Não Vai Ter Dilma”. “Vai Ter Copa” foi amplamente utilizada meses antes do início da Copa no Brasil, visto que os preparativos para o evento já estavam quase todos prontos, a mídia vinha fazendo uma ampla campanha de motivação e incentivo à copa e o povo já estava entrando no clima do acontecimento. “Não Vai Ter Liberdade” se referia à lista de proibições nos estádios durante a Copa, e aos decretos que criminalizavam as manifestações e protestos durante o período. O “Não Vai Ter Coca” e “Não Vai Ter Cola” se utilizam a fórmula reconhecida pela sociedade para fazer piada para o povo, de certa maneira esse uso pode revelar uma crítica, ou mesmo a descrença na força do movimento “Não Vai Ter Copa”. O “Não Vai Ter Dilma”, critica a gestão da então presidente do Brasil, e mostra a sua rejeição nas eleições de 2014. Esses enunciados derivados retomam suas fórmulas originárias, seus discursos e referentes sociais, refutando-as, ironizando-as, ou confirmando-as.

O enunciado derivado “Vai Ter Copa”, especialmente, foi lançada pelo PT (Partido dos Trabalhadores), em sua página na rede social “Facebook”, em janeiro de 2014, como resposta ao enunciado “Não Vai Ter Copa”. Esse enunciado derivado foi muito utilizado pela mídia nas vésperas da Copa do Mundo 2014, reforçando que os investimentos em estádios, infraestrutura já haviam sido feitos e a Copa evidentemente iria acontecer.

O uso do enunciado derivado “Vai Ter Copa”, pelo PT, revela um interesse dessa entidade em reciclar e retomar positivamente, em seu proveito, o enunciado “Não Vai Ter Copa”. Ao se valer do enunciado “Não Vai Ter Copa”, amplamente reproduzido pelo povo brasileiro que foi às ruas protestar contra medidas do governo em vigência, o partido se mostra ciente das manifestações que ocorreram no Brasil e gera uma réplica “Vai Ter Copa” exaltando os benefícios dos investimentos que foram trazidos por intermédio do evento e afirmando que de fato a Copa do Mundo FIFA 2014 ocorreria. Também propagado através das redes sociais, o enunciado “Vai Ter Copa” procurava se aproximar dos jovens e dos usuários da rede social, parcela que compareceu em peso às manifestações no Brasil.

Ao analisarmos os enunciados “Vem Pra Rua” e “Não Vai Ter Copa” e seus enunciados derivados, é possível perceber que enquanto o “Vem Pra Rua” é o lema do povo cansado das injustiças sociais que resolve se manifestar e reivindicar melhorias, seu enunciado derivado “Vem Pra Urna” se apropria do referente social de seu enunciado de origem para convocar esses mesmos jovens para que não se manifestem violentamente ou nas ruas, mas sim nas urnas. Já o “Não Vai Ter Copa” é o lema do povo que serve como ameaça ao Governo de que a Copa poderia ser atrapalhada devido a protestos e manifestações. Enquanto o seu enunciado derivado “Vai Ter Copa”, criado pelo governo, se apropria do referente social de seu enunciado de origem para afirmar que independente das ameaças a Copa ocorreria.

Após analisarmos os enunciados à luz dos estudos de Alice Krieg-Planque sobre fórmulas discursivas, é possível concluir que os enunciados “Vem Pra Rua” e “Não Vai Ter Copa” são de fato fórmulas discursivas, pois são

um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos públicos é determinado pelas práticas linguageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público” (Krieg-Planque, 2010: 14).

A fórmula “Vem Pra Rua” apareceu em cartazes durante as manifestações, nas redes sociais em imagens, e como título de matérias de jornais como “*Folha de S. Paulo*””. Nas redes sociais, a ferramenta “hashtag”, que serve para reunir publicações na Internet sobre um mesmo assunto, mostrou que a fórmula “#Vem Pra Rua” foi amplamente utilizada para divulgar informações a respeito dos protestos. Mais precisamente, um levantamento da empresa de relações públicas Grupo Máquina, realizado entre 19 e 21 de junho, revelou que o enunciado “#Vem Pra Rua” teve mais de 160 mil menções nas redes sociais^{iv}.

Ou seja, o enunciado “vem pra rua”, que inicialmente era apenas o jingle de uma empresa de carros, passou de um imaginário sociodiscursivo à outro, como lema das manifestações que ocorreram em junho e julho de 2013 no Brasil. E como fórmula passou a representar a voz do povo brasileiro, através de um espécie de sabedoria universal, comum aos simpatizantes das manifestações da época, e que era facilmente retomada pelo povo. Essa voz convocava o povo à luta por seus direitos, contra a corrupção e por melhores condições de vida. Seu uso prontamente revela uma formação

discursiva que nos leva às manifestações e ao contexto de luta do povo no período mencionado anteriormente.

A fórmula “Não Vai Ter Copa” passa a figurar em cartazes durante as manifestações, nas redes sociais em imagens, e como título de matérias de jornais como “*BBC Brasil*” e revistas como a “*Veja*”. Até o mês de janeiro de 2014, o enunciado havia sido mencionado mais de 62 mil vezes na rede social “Twitter”. O governo, inclusive, chegou a aprovar uma lei contra atos terroristas durante a Copa e passou a monitorar as atividades de quem viesse a utilizar a “hashtag” “#nãoovaitercopa” para evitar que manifestações ocorressem durante os jogos.

Ou seja, o enunciado “Não Vai Ter Copa”, que inicialmente era apenas o lema de uma parcela mínima da população brasileira, o movimento *Anonymous Brasil*, passou a figurar na sociedade de maneira (re)enunciada e utilizada amplamente pelos mais diversos tipos de indivíduos, remetendo a uma realidade social polêmica. O enunciado remete ao social e à política, revelando um desejo de mudança do povo frente aos frequentes escândalos de corrupção do governo vigente.

Ao se cristalizarem, se inscreverem em uma dimensão discursiva, serem tomados como um referente social, gerarem polêmica e enunciados derivados, as presentes fórmulas discursivas revelam ser mais do que simples expressões linguísticas recorrentes. Elas nos remetem às questões históricas e sociais da sociedade brasileira no período compreendido entre junho de 2013 a Janeiro de 2014. Elas remetem ao mundo e revelam discursos diversos, a subjetividade dos indivíduos e ao modo de organização da sociedade brasileira.

Referências

CHARAUDEAU: *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. Angela M. S. Correa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

KRIEG-PLANQUE, A. Propostas: as propriedades da fórmula. In_____. *A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KRIEG-PLANQUE, A. “Fórmulas” e “lugares discursivos”: propostas para a análise do discurso político. In: MOTTA, A.R.: SALGADO, L. (orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. *A linguagem dos protestos*. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/94/artigo293651-1.asp> . Acesso em 13/06/2013.

BBC ONLINE. *Protestos mostram apropriação de slogans publicitários para fins políticos*. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130624_protestos_slogans_cc. Acesso em 26/06/2013.

-
- i Valor aproximado conforme noticiaram jornais como “O Globo” e “Folha de S. Paulo”, na época.
 - ii Alice Krieg-Planque, analista de discurso, é professora de Ciências da Informação e da Comunicação, na Universidade de Paris 12–Paris-Est, e pesquisadora do CÉDITEC (Centro d’étude des discours, images, textes, écrits, communications).
 - iii Não é possível recuperar com precisão a autoria do enunciado.
 - iv Dados de acordo com o Jornal Online BBC Brasil.